

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do V UIO GNR/"Uimpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 13 - O sujeito e a língua sob determinações do discurso e da história, 259-280

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p259

<http://siba-ese.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

## MEMÓRIA E HISTÓRIA NA MÍDIA: A IMAGEM DE DILMA ROUSSEFF NAS ELEIÇÕES DE 2014 NO BRASIL

Edjane Gomes de ASSIS<sup>1</sup>

### RESUMO

A campanha presidencial de 2014 no Brasil foi considerada uma das mais efervescentes do cenário político. O primeiro turno foi marcado pelo grave acidente aéreo que vitimou o presidenciável Eduardo Campos; Já o segundo turno compreendeu as discussões calorosas que polemizaram a vida pública e pessoal dos candidatos envolvidos. Mas, dentre tantos embates vivenciados nesta “festa da democracia”, o que nos chama atenção é a movência de sentidos articulada na imagem dos presidenciáveis que lideravam as pesquisas - Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB). Entendido como o representante da elite, Aécio ressurge como o discurso da mudança e o conservador da família patriarcal, em detrimento da candidata oponente que figurativiza os ideais dos menos favorecidos; sua imagem vem revestida por várias nuances do dizer. Na esteira do fazer epistemológico articulado pela Análise do Discurso, sobretudo firmados nos conceitos de Foucault (2005; 2009), Courtine (1999), Burke (1992; 2000), dentre outros, nosso artigo objetiva analisar os movimentos de sentido que circularam no jornal *Folha de São Paulo* e algumas redes sociais, acerca da imagem da candidata Dilma Rousseff. Veremos como se dá o processo de rememoração instaurado na história do tempo presente. Embora em alguns lugares Dilma ressurgisse como a personificação do mal, em outro momento sua imagem de militância parece “ignorar” o tempo para reafirmar a figura da jovem estudante, vítima dos mecanismos de vigilância e punição característicos de um regime totalitário – os anos de chumbo da ditadura militar do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso, história, memória, eleições.

### 1. Introdução

A história da política no Brasil sempre gerou profundas discussões que cultivam em sua gênese a complexa relação com a ética. Desde a época do Brasil-Colônia, casos de corrupção, dentre outros aspectos que transgridam a conduta daquele que deveria

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV). Rua Antônio Miguel Duarte – 301. Bancários, João Pessoa – PB. CEP.: 58051-125. Brasil. [edjaneassis@yahoo.com.br](mailto:edjaneassis@yahoo.com.br)

cuidar do povo (o representante legal), em pleno regime democrático, são comumente questionados e alimentam a descrença dos eleitores atuais cada mais situados com as notícias advindas de diferentes fontes de informação. Mas tudo adquire um maior relevo quando estas discussões são polemizadas no cenário de uma campanha presidencial.

O pleito de 2014 no Brasil e o processo de polemização provocada por questões político-partidárias confirmam que ainda não conseguimos resolver questões de séculos passados (corrupção, desigualdade social, racismo, preconceito os mais diversos), mas continuam vivas em pleno século XXI. Falamos, pois, das materialidades discursivas surgidas no campo midiático durante a campanha e após o resultado da vitória de Dilma Rousseff para presidência. Enunciados preconceituosos que enxergam uma região do país de modo excludente (a região nordeste, por exemplo) como proferidos nas redes sociais, mostraram que o Brasil é cortado e entrecortado não somente por critérios geográficos ou econômicos, mas, sobretudo, por relações de poder e seus regimes de verdade que entram no jogo discursivo quando são recuperadas diante do processo de rememoração.

A história e a memória aparecem neste acontecimento eleitoral; e a mídia, enquanto guardiã de uma história imediata por documentar o tempo presente, se encarrega de ratificar os discursos e emoldurá-los mediante seus regimes de verdade. Nosso artigo traz uma análise sobre os mecanismos disciplinares da mídia nas eleições presidenciais de 2014 no Brasil. Verificamos como o jornal *Folha de São Paulo* apresenta a imagem dos candidatos à eleição, dentre os quais destacamos os mais votados (Dilma Rousseff e Aécio Neves). Investigamos como os candidatos, e mais especificamente, a candidata Dilma Rousseff, reaparece nas redes sociais, em pontos dispersos na raridade e acúmulo dos enunciados. Na esteira do novo fazer epistemológico da Análise do discurso, quando os textos são vistos na perspectiva de uma semiologia histórica, focalizamos nossas lentes para a campanha do segundo turno quando detectamos que a imagem dos dois candidatos engendra dizeres outros, que mesmo aparentemente emudecidos, produzem sons ensurdecedores.

Se em uma perspectiva temos a mídia com suas estratégias para garantir a verdade, materializando o discurso da prestação de serviços e apresentando o perfil dos candidatos para contar uma história a partir de um ângulo já estabelecido, em outra perspectiva, temos o discurso das ruas, a polemização do acontecimento (eleições), através dos eleitores de ambos candidatos. É quando a Dilma, até então presidente da República e que está pleiteando a reeleição, adquire outras identidades diante do

processo de temporalidade. Reaparece a jovem de 19 anos, militante, e em outro momento, a mãe e avó, a mulher guerreira que venceu o câncer. A cadeia enunciativa da narrativa histórico-midiática produz um efeito de sentido no (e)leitor de que a tradição e a memória devem reacender o espírito do nacionalismo. Já o candidato Aécio aparece como o neto do emblemático Tancredo Neves - seus ideais progressistas e visionários ratificam o discurso da mudança e correspondem aos interesses da fatia da sociedade que quer a tão sonhada transformação, mas sempre mantendo a tradição.

Para uma melhor sistematização da análise o artigo está dividido em três momentos que se coadunam: Primeiramente no tópico *Entre História e jornalismo: processos de rememoração do (re)dizer*, discutiremos os procedimentos disciplinares da mídia e seu entrecruzamento com o discurso da história. Comparamos a intrínseca relação entre jornalismo e história e os sentidos que se metamorfoseiam no recontar do acontecimento. Sabendo que, quem conta, conta sempre a partir de um lugar e posição determinada na instância social, insistimos em mostrar que na dispersão e irregularidade dos discursos, os jornalistas (historiadores do instante), cultivam graus de similitudes como os historiadores tradicionais. Em seguida, no tópico *Dilma Valente, Dilma Presidente: efeitos de representação*, veremos como o jornal *Folha de São Paulo* online (ed. 1º de Setembro de 2014) ao apresentar a ficha dos candidatos, evidenciando os dados pessoais e declaração de bens, instaura efeitos de verdade, agindo enquanto guardião da sociedade, uma espécie de panóptico capaz de assegurar os interesses dos eleitores brasileiros. Discutiremos o processo de metamorfose da identidade de Dilma em pontos demarcados no tempo – no (re)contar da história nacional. A volta da jovem militante funciona para cristalizar o discurso da luta e serve como reafirmação da imagem de uma candidata que conserva o espírito aguerrido e destemido – aquela que não foge à luta. Os dizeres permitem/garantem a credibilidade e seriedade política.

## **2. Entre história e jornalismo: processos de rememoração no (re)dizer**

Durante longos anos vemos que a história se fez presente em nossa vida em suas mais diferentes formas. Ela está nos livros, está na memória dos sujeitos sociais, está nas frestas dos discursos e está também no silêncio. Narrar os fatos do passado e levar ao conhecimento da sociedade momentos que ficaram imortalizados no decorrer do

tempo (como a narrativa das grandes batalhas, formação de nações, conquista de reinos), sempre intrigou os críticos quanto aos critérios de seleção dos episódios. De que lugar fala o historiador? Como os enunciados ocupam uma função enunciativa? Que critérios são escolhidos no momento de (re)contar os fatos?

As críticas quanto ao fazer historiográfico sugerem um minucioso processo de investigação que tenta dar conta de elementos diretamente envolvidos no manuseio da verdade; objetivam ouvir outras vozes silenciadas, mas ocupam (ou deveriam ocupar), lugares significativos e determinantes na produção dos acontecimentos históricos que se transformam em acontecimentos discursivos. Segundo Veyne (2008, p.117), a história tem como função “fazer compreender e contar como as coisas se passaram.” Desde a Antiguidade já existia uma preocupação em tornar a história uma ciência, em que historiadores e filósofos objetivavam “definir as leis da história”. Para tanto, surgiram algumas tentativas - que mais tarde foram contestadas - como o *providencialismo*, e o próprio *materialismo histórico*.

Com o amadurecimento de um pensamento crítico que contribuiu para o surgimento de novas teorias, percebe-se outra forma de fazer história. Para Burke (2000), a função do historiador era ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos quando escritos para proveito dos autores para lhes proporcionar fama, e também para proveito da posteridade, para aprender com o exemplo deles. Contar os fatos passados significa(va) cultuar alguns sujeitos em detrimento de outros que deveriam ser emudecidos, silenciados, mesmo que foram partícipes dos chamados grandes acontecimentos.

Firmados em estabelecer uma nova perspectiva que se volta para a história dos pequenos eventos e dos “pequenos” sujeitos, em oposição aos ideais da Escola Positivista francesa e tomados pela efervescência de pensamentos e discussões acerca das questões genealógicas, Marc Bloch e Lucien Febvre criam a *Revista Les Annales d' Histoire Économique et Sociale* em 1929, inaugurando uma “Revolução Francesa Historiográfica”. Desde o Iluminismo é de conhecimento a existência de contestações sobre o fazer historiográfico, mas com os *Annales*, mais especificamente, no período entre guerras, a História aparece como uma disciplina de *status* entre as outras disciplinas, principalmente porque este clima de guerra<sup>2</sup> – a Segunda Guerra Mundial -

---

2 Segundo Foucault (2005), a guerra é a continuidade do poder por outros meios.

fez parte daquele contexto, até mesmo da própria existência de seus fundadores. Um exemplo claro foi a morte de Marc Boch em 1944, fuzilado pelos nazistas.

Na década de sessenta, a revista *Annales* recebe uma reformulação e a crítica contra o método tradicional historiográfico feito pela academia, ganha maiores nervuras com personalidades, como: Fernand Braudel, Le Goff, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros. Os estudiosos constituem a terceira fase dos *Annales* conhecida como a *Nova História*. Braudel destaca-se com a tese *O Mediterrâneo*<sup>3</sup> em que trata de estudar aquela região, observando os aspectos econômicos, sociais e políticos. Vê a influência do ambiente no homem e descreve, de forma poética, as peculiaridades do mar sempre as relacionando com o acontecimento e o fazer histórico. De acordo com Burguière (apud Le Goff, 2005, p.30), os *Annales* assumem a seguinte posição:

A posição dos *Annales* veicula, (...), certo populismo: é preciso conceder direito de cidadania à história dos humildes, ao lado da história dos poderosos; o obscuro camponês que melhora a técnica do *essartage* no âmbito de um sistema de gestos herdados e de uma paisagem aparentemente imóvel é um agente histórico tão importante quanto um general que ganha uma batalha. No entanto mais profundamente, ela se baseia numa concepção multidimensional da realidade social, tendo cada dimensão, ou antes, cada nível, vocação ao mesmo tempo para esboçar sua própria história e para encontrar um modo de articulação com os outros, a fim de construir o movimento de uma sociedade.

Os *Annales* compreendem um outro processo de reestruturação do pensamento historiográfico. Estabelece uma tendência, até então silenciada por um fazer tradicional, que contava uma história vista de cima, um caráter puramente dominante naquela conjuntura. Para Burke (1992, p.10), “a nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional, aquele termo útil, embora preciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn”. Foucault faz também uma crítica ao discurso do historiador tradicional:

Parece-me que se pode compreender o discurso do historiador como uma espécie de cerimônia, falada ou escrita, que deve produzir na realidade uma justificação do poder e, ao mesmo tempo, um fortalecimento desse poder. (...) Duplo papel: de uma parte, ao narrar a história, a história dos reis, dos

---

<sup>3</sup>*O Mediterrâneo* já parte da perspectiva de que a história não deve se resumir a apenas um ponto específico. Mas, tudo o que está correlacionado às estruturas, a uma história das ideias, é indispensável ao processo historiográfico. Desse modo, Braudel procura instaurar múltiplos olhares, ao resgatar a memória e compreender os sentidos inseridos nas peculiaridades daquela região.

poderosos (...) trata-se de vincular juridicamente os homens ao poder mediante a continuidade da lei. (...) De outra parte, trata-se também de fasciná-lo pela intensidade, apenas suportável, da glória, de seus exemplos e de suas façanhas. (FOUCAULT, 2005, p.76).

Os estudos de Foucault acerca das rupturas com o fazer tradicional historiográfico estão alicerçados em conceitos fundamentais que irão nortear sua análise. Dentre os vários conceitos estudados na teoria foucaultiana e que servirão de suporte para impulsionar a reflexão sobre o discurso e a história, há a problematização da noção de poder e a forma disciplinar que regula o dizer.

A história produzida ao longo do tempo nos direciona para um conceito fundamental no pensamento de Foucault - a noção de *arquivo*. Considerar o *arquivo*, segundo Foucault (2004), não é considerar o *documento*, mas tomá-lo como *monumento* através de um *arché*, um fazer arqueológico. O arquivo funciona como um traço de existência é, pois, lugar da dispersão, da descontinuidade do dizer; está ligado ao “sistema de sua enunciabilidade” e ao “sistema de seu funcionamento”. Afirma Foucault (2004) que o *arquivo* não é capaz de armazenar toda uma cultura da sociedade, nem tampouco descrever todos os aspectos que constituem uma determinada civilização, mas ele se dá através dos fragmentos, da dispersão dos objetos que conduzem os saberes. Ele não é “descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade”. (FOUCAULT, 2004, p. 148).

Os estudos de Foucault e demais teóricos da AD consideram que os enunciados são carregados de sentidos, são povoados de elementos e dizeres. Estamos diante não mais de enunciados isolados, mas de uma função enunciativa diretamente relacionada às condições sócio-históricas que determinam o dizer dos sujeitos. É o que faz com que cada frase, cada proposição, cada dito, seja pronunciado segundo as condições possíveis de sua existência. O que está em jogo não é aquilo que é dito, mas como é dito e as condições em que é produzido. É, enfim, a função que esse enunciado ocupa na cadeia discursiva. Nos pressupostos da AD, o enunciado deve ser tratado sempre relacionado aos outros enunciados, num espaço direcionado para aspectos discursivos revestidos de sentido. Os signos, portanto, só têm sentido mediante os outros signos que são colocados no jogo de sua relação.

Desse modo, tudo o que proferimos, como o próprio dizer do jornalista, por exemplo, está submetido a uma função enunciativa; um correlato de objetos, de elementos que constituem os dizeres, que marcam e demarcam o discurso e dialogam

entre si para construir verdades. Sabendo que os enunciados são agrupados obedecendo uma ordem, entendemos que o dizer do jornalista cultiva características do fazer historiográfico tradicional. O jornalista atua mediante formas de representação que produz sentido no imaginário social. Ambos, historiador e jornalista, enquanto sujeitos que cumprem uma função autoria, manuseiam o discurso, agindo na temporalidade e para isto, utilizam estratégias para produzir verdades (efeitos de representação) em busca de dialogar diretamente com o público, mais especificamente para ganhar sua confiança.

Em *As Palavras e as Coisas* (2002), ao estudar as similitudes, Foucault defende que os enunciados não passam de um jogo de representação:

Nenhum signo surge, nenhuma fala se enuncia, nenhuma palavra ou nenhuma proposição jamais visa a algum conteúdo senão pelo jogo de uma representação que se põe à distância de si, se desdobra e se reflete numa outra representação que lhe é equivalente. (FOUCAULT, 2002, p.108).

Sendo resultado de uma construção e representação, a memória manuseada no (re)contar dos acontecimentos se move a todo instante, configura-se como um produto de uma montagem, nas mãos de historiadores e jornalistas, quando trazem elementos do passado, para significar o presente no instante midiático e construir, deste modo, uma história do tempo presente. No fazer historiográfico, é na e pela memória que a história vai sendo resgatada, reconstruída em outro momento, outro lugar. E, conforme os pressupostos da AD, esse devir da memória é o que faz com que as coisas ditas, os acontecimentos, apareçam de um modo dinâmico e dependente. Dependente dos lugares, da contextualização, das condições em que essa história foi e é produzida nas relações sociais, dependente, pois, da dinâmica dos acontecimentos. A memória é um discurso - é uma memória discursiva.

A memória discursiva é o elemento que faz com que os discursos sejam reconhecidos, retomados ou negados, e permite/promove um entrecruzar de vários discursos. Faz parte da historicidade do sujeito, de sua constituição. A toda formação discursiva está associada uma memória discursiva. É a memória discursiva que torna possível à formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. Ela permite, na rede das formações, o aparecimento de refutações, remissões, transformações de discursos historicamente construídos.

Tão fundamental para a história, tão fundamental para o jornalismo, a memória é constitutiva do dizer e fruto de uma tradição que se perpetua na instância discursiva. Os

jornalistas primam pela narrativa dos acontecimentos, contudo, entendemos que a memória já ressurge antes da discursividade; nasce na própria formulação do pensamento. Ambos, historiadores e jornalistas, têm em comum relatar os acontecimentos do passado, retomam elementos, deslocam sentidos e reconstroem dizeres outros que são significantes para o processo da própria construção do presente.

É importante não confundir memória com história. Le Goff (2005, p.49) afirma que “a memória não é a história, mas um de seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica.” Mais globalizante, a história atua como uma operação intelectual e laica, utiliza análises e discurso crítico. É uma representação do passado. Já a memória está em evolução permanente. É mais individualizada, assim, há tantas memórias como grupos; enquanto que a história pertence a todos os grupos. A memória tem sua raiz no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no silêncio.

Memória e história sempre vão evocar o passado. Para Nora (1993, p.9), “a memória coletiva ou social não pode ser confundida com a história”. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. No discurso jornalístico temos uma história do tempo presente. A História do tempo presente constituiu um campo disciplinar na Europa após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, no bojo das propostas da Nova História. Instauram-se reflexões e questionamentos sobre a distância do historiador e seu objeto de estudo.

Neste contexto, era mais que emergente, contar o genocídio provocado pelos nazistas, pois se entendia que, antes de tudo, o historiador deve produzir sentidos, e trabalhar com a “verdade”. Muda-se então, a figura do historiador e a forma de fazer história, para um olhar social numa perspectiva de novas conjunturas e configurações. A narrativa de uma guerra recebe uma maior simbologia quando é dada uma maior focalização para as consequências em detrimento das causas. Não se deve estranhar então as inúmeras imagens do genocídio provocado por Hitler ou as cenas agonizantes das vítimas da guerra do Vietnã, pois a imagem também configura um discurso e funciona como um lugar de memória.

O “novo” da história é processado nos discursos da mídia com o aparecimento do passado materializado nas imagens, que funcionam como operadores de memória. As fotografias, as manipulações dos objetos, enfim todo um aparato de que o jornalista



dispõe, funcionam como um conjunto de recursos para construir esta história imediata. Ao mesmo tempo, tais objetos não apenas resgatam a história, mas sevem para oficializá-la, preservando a neutralidade e legitimidade do dizer. As imagens, juntamente com os textos verbais, são arquivadas e utilizadas pelos sujeitos-jornalistas sempre que for necessário, conforme suas necessidades e o jogo estabelecido no ambiente da notícia.

É neste ponto em que jornalistas e historiadores ocupam uma função autoria: quando selecionam, segmentam, silenciam, elucidam e agrupam os enunciados dispersos para dar consistência de unidade, fabricar verdades e produzir identidades. O discurso deve estar nas regras de um jogo; cada peça e sua posição na cadeia discursiva contribui para a multiplicidade de sentido. É a fórmula/estratégia encontrada pela *Folha de São Paulo* de 1º de Setembro de 2014 para narrar a campanha eleitoral para Presidência da República. Para isto, se utiliza de recursos tecnológicos, típicos da era contemporânea, para se subjetivar como um lugar de memória quando apresenta o rosto dos candidatos juntamente com sua ficha pessoal a fim de prestar serviços à sociedade.

Vejamos como a história e memória voltam no dizer do jornal e como o veículo promove identidades no imaginário de seu (e)leitor. Algumas questões embasam nosso pensamento neste primeiro momento: Como o jornal, assumindo o papel de advogado das causas sociais, vai utilizar a imagem dos candidatos conforme o lugar que ocupa na instância midiática? Como a memória é manuseada para (re)produzir as identidades dos candidatos? E enfim, que procedimentos utilizados pelo historiador tradicional são reproduzidos pelo historiador do instante ao utilizar novos procedimentos de interação social promovidos pela tecnologia? As questões, embora não venham com respostas prontas, nos fazem refletir que o processo da leitura (seja de qualquer meio), nos exige um olhar discursivo frente ao que nos dizem todos os dias os meios de informação.

### **3. Dilma Valente, Dilma Presidente: efeitos de representação**

Compromisso com a verdade e parceira com a sociedade são alguns dos princípios que devem vigorar nas empresas de informação. Na campanha presidencial de 2014 a imprensa brasileira (em plataformas distintas), atuou como um panoptismo modernovigiando os candidatos, quando promoveu debates e mostrou para o público

(e)leitor,o perfil dos candidatos e a apresentação de suas propostas. Firmada nestas premissas, a *Folha* do dia 1º de Setembro de 2014 ressurgiu com a apresentação dos principais candidatos à eleição: Aécio Neves (PSDB - 45), Dilma Rousseff (PT- 13), Eduardo Jorge (PV-43), Eymael (PSDC-27), Levy Fidelix (PRTB-28), Luciana Genro (PSOL – 50), Marina Silva (PSB-40), Mauro Iasi (PCB-21), Pastor Everaldo (PSC-20), Rui Costa Pimenta (PCO-29), Zé Maria (PSTU). A seleção e estratégia discursiva proposta pelo jornal evidenciam a instauração do discurso democrático, pois se espera mostrar para o eleitor todos os candidatos inscritos, ignorando, pois, o ranking das pesquisas. Alguns candidatos apresentados não tiveram pontuação expressiva, nem foram ouvidos em debates organizados por alguns TVs abertas, mas ocupam um lugar no jornal e podem ser vistos e apresentados para o público.



Figura 1: Perfil dos candidatos  
Fonte: Folha online. Especial eleições.

Como forma de aproximação com seu público o jornal produz uma estratégia de interatividade. Ao posicionar o mouse em cima de cada rosto do candidato, imediatamente aparecerá seu perfil (biografia), de modo que o (e) leitor possa conhecer, mediante os olhos do jornal, seu possível candidato. Atentamos para o fato de que o rosto das personagens/candidatos não aparecem totalmente, mas de perfil, ou seja, vemos apenas uma face, um lado da moeda, já que o jornal é somente ele, é quem vai se encarregar de mostrar o que ainda não sabemos e não vimos – seu perfil pessoal, sua vida financeira: dois critérios que irão desenhar, emoldurar o político, o principal líder do país. A questão aqui não está em quem é focalizado no jornal, mas como o discurso é entrecortado, que enunciados são escolhidos para emoldurar o perfil de cada candidato; como os recortes são feitos, como os sentidos são produzidos, ou seja, que mecanismos

e estratégias definem o perfil, a identidade dos sujeitos que se candidataram para o cargo máximo do país.

Além de permitir que o leitor conheça seu/sua possível candidato(a), o jornal ainda cria outro portal de acesso que o denomina de “promessômetro” – um link em que se pode conferir as promessas dos(as) candidatos(as); Há, ainda, o acesso direto ao twitter do(a) candidato(a); mais um recurso para auxiliar o leitor, sobretudo os indecisos. Com o apoio das novas tecnologias de informação que otimizam oportunizam modos diversos de interação, a *Folha* se subjetiva como um jornal moderno, atual, e se mantém viva no jogo competitivo do universo midiático.

Vejamos como o jornal focaliza suas lentes para traçar o perfil dos candidatos que lideram as pesquisas de opinião. Primeiramente temos a imagem de Aécio Neves (PSDB):

**eleições 2014**

APURAÇÃO COMPLETA | CANDIDATOS | PROPOSTAS | PROMESSÔMETRO | DATAFOLHA | CALENDÁRIO | DEBATES | COMO VOTAR | DU

### Ficha do candidato

PRESIDENTE | GOVERNADOR | SENADOR | DEPUTADO FEDERAL | DEPUTADO ESTADUAL | DEPUTADO DISTRITAL

f t 331 Mais opções

**AÉCIO NEVES**

NÚMERO  
45  
PARTIDO  
PSDB

VICE  
ALOYSIO NUNES  
FERREIRA  
PARTIDO  
PSDB

COLIGAÇÃO  
MUDA BRASIL  
PARTIDOS  
PSDB / PMN / SD / DEM /  
PEN / PTN / PTB / PTC / PT  
do B

▼ dados pessoais ▼ MOSTRAR MAIS

▼ declaração de bens ▼ MOSTRAR MAIS

Valor total declarado R\$ 2.503.521,81

Figura 2: Perfil de Aécio Neves  
Fonte: Folha online. Especial eleições.

Os regimes de verdade articulados no jornal estão materializados nos dados pessoais do candidato (sua filiação, estado civil, naturalidade, filiação partidária, dentre outros elementos que o periódico utiliza para filtrar o perfil do Aécio). É necessário, mediante tal articulação, voltar às origens e fortalecer a credibilidade do jornal. Cultiva, pois, uma forma de construção da transparência da linguagem – que é ratificada quando apresenta a declaração de bens do candidato (total de R\$ 2.503.521,81). Uma determinação feita para os candidatos, em cumprindo da legislação eleitoral, pois devem apresentar sua renda antes de entrar na disputa.

A biografia é entrecortada com os seguintes enunciados que foram devidamente organizados e agrupados no jornal:

Natural de Belo Horizonte, Aécio Neves da Cunha, 54, é filho de Inês Maria e de Aécio Cunha (advogado e parlamentar por mais de 30 anos) e neto do

presidente da República Tancredo Neves (1910-1985). Presidente nacional do PSDB desde 2013, Aécio é economista formado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Ele deu seus primeiros passos na política aos 23 anos, como secretário particular de Tancredo, então governador de Minas Gerais. Em 1986, Aécio elegeu-se deputado federal pelo PMDB. Dois anos depois, o tucano se filiou ao PSDB e foi um dos parlamentares que participaram da elaboração da Constituição de 1988. Aécio reelegeu-se três vezes consecutivas para a Câmara dos Deputados. Foi presidente da Casa no biênio 2001/2002. Após sua passagem pela Câmara, foi eleito governador de Minas Gerais por dois mandatos, de 2003 a 2010. Em seguida, elegeu-se para o Senado. Aécio é casado com Letícia Weber, com quem teve os gêmeos Julia e Bernardo, nascidos em junho deste ano. Ele também é pai de Gabriela, fruto de seu primeiro casamento com a advogada Andréa Falcão<sup>4</sup>.

Os enunciados ocupam uma função enunciativa estrategicamente construída para firmar a imagem do candidato, pautada em relações familiares. Aqui, Aécio é neto, filho e pai. Os laços com a tradição devem emoldurar sua identidade. Assim, o leitor poderá se reconhecer nos valores cristalizados da sociedade judaico-cristã – o princípio da família. Sua vida política também é ratificada pelo discurso da tradição – Aécio é neto de Tancredo Neves – político emblemático do país que ganhou as eleições presidenciais, mas morreu no dia 21 de abril de 1985, e sendo mineiro, a história cultivada no imaginário social o elegeu como um mártir da Independência. Mesmo que o periódico se utilize de um discurso do novo, já que fala em um espaço virtual e vem como um link próprio sobre as eleições presidenciais, observamos a reprodução de discursos “velhos”, imortalizados ao longo do tempo na história tradicional. Volta a escrita de uma história de grandes, de tradições fixas, imutáveis, que devem se manter vivas no imaginário social – o candidato é confiável, pois sua filiação, seus antecessores contribuíram para o país, também conseguiram fazer/escrever a história.

Mas Aécio é também pai - e pai de gêmeos, um sujeito dócil, que conserva valores, e por isso, merece crédito. São discursos silenciados, mas atuam através de não ditos, quando são postos em uma relação de comparação com outros percursos discursivos no tratamento dos demais candidatos, mais especificamente quando analisamos as materialidades estrategicamente elaboradas para definir o perfil de sua principal candidata de oposição – Dilma Rousseff.

---

4 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/eleicoes/candidatos/presidente/dilma-13.shtml>).

Vejamos como a história e memória editada pela *Folha* é utilizadas remodelar a imagem de Dilma nos anos de chumbo da ditadura militar:



Figura3: Perfil de Dilma Rousseff  
Fonte: Folha online. Especial eleições.

Conforme fez na elaboração do perfil de Aécio Neves a *Folha* também apresenta a ficha da candidata Dilma Rousseff mostrando seus dados pessoais e declaração de bens (total de R\$ 1.750.695,64). Em sua biografia há um destaque para sua trajetória de militância, quando esteve presa pelo DOPS, na época da ditadura militar. Eis a seleção enunciativa elaborada pelo jornal:

Tinha 16 anos quando o golpe militar depôs o presidente João Goulart. Aderiu cedo à militância política e integrou grupos de combate à ditadura. Fez parte do Colina (Comando de Libertação Nacional), que se fundiu à VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), dando origem à VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares). Aos 19 anos, foi presa em São Paulo e levada às dependências da Operação Bandeirante, onde foi torturada. Transferida para Minas Gerais e, depois, para o Rio de Janeiro, cumpriu quase três anos de prisão. Ela foi solta em 1972. Posteriormente, pediu indenização aos três Estados. Pouco depois de ser libertada, mudou-se para Porto Alegre, onde se formou em economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez campanha pela Anistia em 1979 e ajudou a fundar o PDT (Partido Democrático Trabalhista) no Rio Grande do Sul.<sup>5</sup>

A memória volta agora neste novo acontecimento – campanha eleitoral. Aparece a Dilma militante, combatente da ditadura militar e vítima das imposições dos mecanismos de vigilância e punição prescritos e previstas nas leis nacionais da época –

<sup>5</sup> (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/eleicoes/candidatos/presidente/dilma-13.shtml>).

a tortura em suas mais distintas modalidades é apenas alguns destas imposições. E nas últimas linhas, ocupando uma função enunciativa significativa, a *Folha* evidencia a doença enfrentada por Dilma – o câncer linfático – o que gera também uma espécie de antagonismo entre a fragilidade humana e a força em lidar com os percalços da vida.

Em abril de 2009, Dilma anunciou que tinha câncer linfático. A doença foi tratada no hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, com sessões de quimioterapia. Em 2010, elegeu-se presidente da República, derrotando o tucano José Serra no segundo turno.<sup>6</sup>

A mídia, na versão do jornal *Folha de São Paulo*, produz sentido, ratifica dizeres, atua num devir da memória com seus regimes de verdade, vontades de verdade perante o público. É necessário voltar na história de cada candidato, conhecer suas ações no passado, sua atuação na sociedade brasileira, para que o leitor, movido por discursos cristalizados ao longo do tempo, seja capaz de conhecer e escolher seu candidato. Através do *a priori histórico*, o jornal seleciona seu dizer, segmenta a história, sistematiza cada momento para construir uma “nova” história e ocupa uma função social em advogar pelas causas da sociedade – contribuir para a escrita da história nacional.

O apagamento/silenciamento ou elucidação/evocação de um fato, ficam à critério do historiador do instante, pois ele conta a partir de um lugar e movido por critérios e ordens já determinadas na linha editorial do jornal. Assim, para aqueles eleitores que forem contrários à ditadura militar é mais fácil estabelecer um grau de proximidade com a candidata Dilma. Em contrapartida, os simpatizantes, que ainda defendem a ditadura e enxergam a militância como algo nocivo e danoso, irão se aproximar com as propostas do candidato Aécio Neves.

A *Folha de São Paulo*, embora narre uma história do tempo presente, reproduz uma história vista de cima, quando seleciona os grandes acontecimentos e segmenta, na irregularidade do dizer, enunciados povoados de outros enunciados. Voltam discursos moralizantes da sociedade brasileira: a conservação da família, a manutenção da tradição política - raízes que devem ser cultivadas e políticos que merecem ser lembrados nos lugares de memória. O historiador do instante, através do *a priori histórico*, recorre à vida militante de Dilma e sua participação como membro do Comando de Libertação Nacional – grupo de resistência à ditadura militar. No entanto,

---

6 (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/eleicoes/candidatos/presidente/dilma-13.shtml>).

silencia seu papel de mãe e avó; enquanto que na organização do dizer que traça o perfil de Aécio, ser pai de família é um aspecto primordial para o sentido que se pretende ratificar na atual conjuntura da campanha.

Dentre alguns aspectos que problematizam a narrativa dos fatos está a necessidade de comprovação e veracidade do que é dito. Para tanto, sobretudo na prática contemporânea, recorre-se ao recurso da imagem e mais especificamente à fotografia. No discurso jornalístico temos o fotojornalismo – uma área fundamental para a interpretação dos fatos e que dialoga diretamente com o leitor. Na mídia impressa as fotografias povoam as páginas de jornais e revistas e imprimem novos saberes no público. A imagem funciona como um recurso que promove a credibilidade do dizer.

Jean Jacques Courtine, ao estudar a imagem, utiliza o termo “intericonicidade”. Para o teórico, toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura supõe a existência de uma memória visual. Segundo Courtine, a intericonicidade é constituída de dupla face: uma imagem interna e uma imagem externa. As imagens são inscritas dentro de uma série de imagens, em interdiscursos que ressurgem na cadeia discursiva. Assim, estabelece-se todo um processo de inter-relação e interação, pois as imagens retomam uma memória e dialogam em pontos complexos. Os aspectos que tomam a imagem como um correlato de outras imagens são notáveis no discurso jornalístico.

As imagens utilizadas como legitimadoras de verdade no discurso jornalístico, fazem sentido porque permitem revisitar lugares outros, e discursos que, em um certo momento, parecem inertes num “sono profundo”, mas ocupam uma função enunciativa e resgatam/elucidam novos acontecimentos. Neste século em que predomina a cultura da imagem, observamos a ampla utilização da fotografia juntamente com todo um aparato verbo-visual que emoldura os dizeres. Conforme Vasques (2002, p.32):

Fotografar é sempre fazer história, seja a de nossas pequenas vidas, ou a das nações e dos grandes homens. Mas, em alguns momentos o fotógrafo tem mais nítida e precisa a certeza de estar “fazendo história” com seu trabalho, usando seu engenho e arte para documentar as mais formidáveis realizações de seus contemporâneos ou as avassaladoras tragédias que se abatem sobre eles.

Enquanto fazedora de história, a fotografia ratifica e testemunha o acontecimento discursivo e ocupa um lugar de memória. Mediante o fazer arqueogeneológico de Foucault a fotografia compreende um documento que se transforma em monumento. É o que acontece com a fotografia da jovem militante

Dilma, que ressurgiu mediante vários desdobramentos (nas redes sociais) e encontra-se situada na dispersão e irregularidade do dizer, em uma página emblemática da história do país – a época da ditadura militar. A imagem recupera o acontecimento do interrogatório de Dilma e sua ficha no DOPS. Dois momentos distintos que foram amplamente utilizados na primeira campanha de Dilma e na reeleição em 2014.



Figura. 4: Dilma Rousseff militante política, durante o interrogatório no início dos anos 70.

Fonte: Acervo do jornal O Globo.

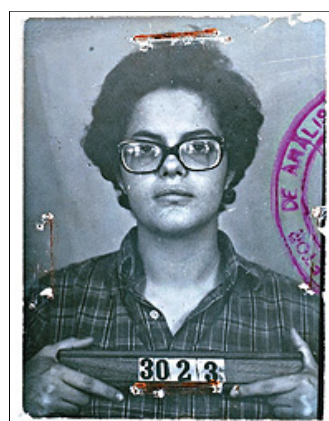


Figura. 5: Foto da ficha de Dilma no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, registrada em janeiro de 1970. Fonte: wikipedia

Sentada com as mãos cruzadas e olhar distante focalizado para um ponto fixo, a jovem Dilma surge em um momento de vigilância e punição – interrogatório do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). A fotografia congela o acontecimento que ressurgiu envolto de nuances do (re)dizer; Alguns objetos aparecem contraditórios quando o rosto de Dilma é evidenciado, enquanto que as faces dos sujeitos que a interrogam, são encobertos pelas suas próprias mãos. Ambos “escondem” seus rostos deixando transparecer que o foco está no encarcerado e não em quem o prendeu. São mecanismos de vigilância atuantes na ditadura militar ancorados pelo discurso da ordem.

A segunda imagem dialoga com a primeira quando traz a projeção apenas do rosto de Dilma com uma nova identidade – a ficha do DOPS. Os arquivos de memória preservam o tempo e parecem ignorar a atualidade. Na irregularidade do dizer, as duas imagens reúnem elementos narrativos de uma página significativa do país, e paralelamente, recontam também a história dos sujeitos envolvidos neste cenário conturbado e que ainda gera profundas discussões nos dias atuais – a exemplo temos a



criação da Comissão da Verdade (organizada no governo Lula), com o objetivo de abrir os arquivos da ditadura e investigar os fatos silenciados ao longo do tempo.

O recurso da imagem que identifica Dilma como militante em atitude de ruptura e resistência mesmo detida pelo DOPS, reaparece em movimentos discursivos, em deslizamentos de sentido quando são utilizadas na campanha de 2014, tanto para os partidários do PT, como para os partidos de oposição, polemizando assim, o acontecimento. Enquanto para os primeiros a jovem militante é revestida de coragem e compromisso com a democracia e a liberdade de expressão, para os partidários do PSDB, o principal partido de oposição, o retrato de sua militância comprova a rebeldia e a desordem, o terror da esquerda comunista – volta o vermelho incendiário que promove a violência e estimula a revolta. Vejamos como estes discursos se materializam no material de campanha partidária proposto pelas duas formações discursivas – PT e PSDB.



Figura.6: Imagem de campanha da Dilma.

Fonte: <http://www.blogdilmabr.com/e-dilma-na-cabecae-na-camiseta-em-todo-o-brasil/>

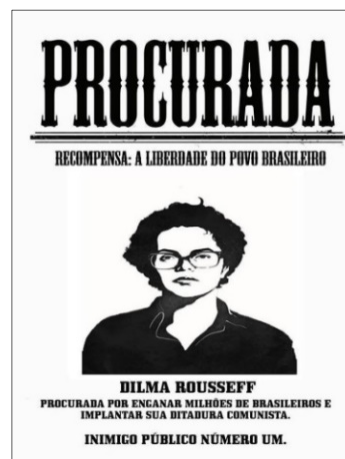


Figura.7: Imagem de Dilma vista pela oposição.

Fonte: <http://consciencia.blog.br/2014/05/60-perolas-de-paginas-de-direita-no-facebook-12.html>

As imagens compreendem reflexos de uma representação, uma reconstrução do real. Temos a associação de uma cadeia de significados que fixam nossa memória e incorporam outros elementos, recuperam e redimensionam outros sentidos. Conforme Foucault,

Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos

descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (FOUCAULT, 2002, p.12).

As duas imagens apresentam formações discursivas determinantes na campanha de 2014. A primeira se move na temporalidade – no exercício de ir e vir que se empenha em resgatar o passado de Dilma a partir de duas identidades: A jovem militante e a presidente do país. Sua identidade aparece revestida de um mito, aquela que se sacrificou pela nação e dedicou sua vida em defender os interesses nacionais – ela lutou e sofreu pelo país.

O segundo momento revela o grau de similitude com a fotografia da ficha de Dilma no DOPS, mas agora sustentando o discurso da contradição – A figura de mulher guerreira/valente é considerada pelos opositores de Dilma como uma transgressora e rebelde, predomina um caráter de negatividade. A heroína aparece como uma “fora da lei”, pois o cartaz da campanha pró-Aécio, reproduz os anúncios de procurados com direito à recompensa para quem a encontrar, mas aqui tal recompensa não seria dinheiro, mas “a liberdade do povo brasileiro”. Seu delito: “Enganar milhões de brasileiros e implantar sua ditadura comunista”. São discursos defendidos pelos partidários da direita, mais precisamente pelo PSDB, e que foram utilizados para sustentar o pedido de impeachment aclamado nos protestos das ruas organizados desde o resultado do segundo turno.

Cada imagem de Dilma é localizada em pontos distintos e estratégicos e vem manuseada por sujeitos heterogêneos, dispersos e descontínuos. Cada um carrega suas vontades e regimes de verdade, produz uma pluralidade de sentidos. A identidade de Dilma reaparece em deslocamentos na dinamicidade dos acontecimentos, na efervescência das discussões partidárias. Para o estudioso Bauman (2005, p.19) “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.”

Embora já tenha passado décadas, o período da ditadura militar ressurgiu numa estratégia de rememoração. A memória e história é resgatada através da relação verbo-visual. A intrínseca sincronia entre linguagem e imagem amplia o espaço para um exercício de interpretação.

As fotografias de Dilma utilizadas em constante deslocamento e simulacros do dizer servem para escrever a história e promover a credibilidade da narrativa. Se em um momento ela sugere a total resistência e enfrentamento diante de um regime totalitário,

em outro momento, para outros sujeitos, as imagens reafirmam o dizer de que a justiça foi feita e a ordem voltou. Semelhante aos procedimentos de punição do século XVI, estudado por Foucault, e mais contundente na época da ditadura, Dilma (presa, com o olhar fixo, em um interrogatório) é utilizada como um exemplo de punição – seu corpo está preso, enclausurado, incapaz de comentar algum delito.

Os movimentos de representação entre o texto elaborado para o perfil de Dilma e suas imagens em vários momentos lidam com a temporalidade e ignoram o passado. O poder está nesta microfísica do dizer que é silenciado, mas continua atuante no imaginário dos eleitores de ambas posições.

Analisar discursivamente os textos que circulam nas esferas midiáticas é não se conformar apenas com o percurso da informação, mas procurar entender como a mídia constrói saber, constitui poder, legitima verdades. A ditadura é recontada em diferentes versões, cada versão sustenta uma verdade, cada dizer retoma outros dizeres, cada discurso parte de pontos determinados/deslocados – quem conta esta história revela, nos deslizos do (re)dizer, posicionamentos que se contrapõem, mesmo que atuem no mesmo acontecimento discursivo e com os mesmos recursos – as fotografias que constam nos arquivos da ditadura e que se tornaram de domínio público.

#### **4. Considerações finais**

O processo de rememoração utilizado no jornal *Folha de São Paulo* engendra uma série de deslocamentos de sentido quando evidencia as identidades dos candidatos à presidência do país, mais especificamente quando projeta a imagem de Dilma Rousseff. A ditadura militar é revisitada para promover efeitos de sentido nos eleitores a fim de que estes possam se identificar com a história do(a) candidata. O passado se funde com o presente e constitui uma diversidade de interpretações – criam graus de positividade ou negatividade com a história da Dilma militante.

Empenhado com o discurso da neutralidade e objetividade do dizer e seu compromisso com a verdade e prestação de serviços, o jornal busca construir uma íntima relação com seu público, quando não apenas apresenta os candidatos, mas permite uma maior interatividade conseguida mediante a linguagem tecnológica. Contudo, embora representando um discurso do novo, do moderno, o período retoma as

características do fazer historiográfico tradicional quando reescreve o perfil de Aécio enquanto sujeito ético, com valores firmados e cristalizados da tradição política (imagem do político Tancredo Neves). Já o entrecorte da história de Dilma traz para o cenário midiático sua vida de militância, participante de um grupo de resistência – uma imagem que reaparece em outros lugares discursivos, nos cartazes e outros materiais de campanha.

Memória e história parecem ignorar o processo de temporalidade e se entrecruzam no discurso para reproduzir jogos identitários. A época da ditadura militar volta em pleno século XXI, em 2014, para revisitar a memória dos sujeitos contemporâneos e conhecer esta página envolta de silêncios e lacunas carente de respostas ainda não encontradas. Portanto, cabe ao analista do discurso entender que o sentido sempre pode ser outro e a história e a memória, reproduzidas no universo midiático, não passam de um processo de representação.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

Arent, H. Entre o passado e o futuro. 4 ed. São Paulo, Perspectiva, 1997.

Bauman, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Burke, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. A escrita da história: novas perspectivas. (org.), São Paulo, Unesp, 1992.

Dubois, Philippe. O ato fotográfico. 12 ed. Campinas, Papirus, 2009.

Foucault, Michel. A ordem do discurso. 6ed. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. O que é um autor. 3 ed. Vega: Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. Arqueologia do saber. 7 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. 21ed, Rio de Janeiro, Edições Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. As palavras e as coisas. 8 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 2009.

Kossoy, Boris. Fotografia e História. 3 ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

Le Goff, Jacques. A história nova. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. História e memória. 5 ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.

Nora, Pierre. Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

Vasquez, Pedro. Fotografia: reflexões e reflexões. São Paulo, Lpm, 2002.

Veyne, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4ed. Brasília, UnB, 2008.

Sites consultados:

<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/eleicoes/candidatos/presidente/dilma-13.shtml>)

<http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/de-militante-presidente-9664143>

<http://www.blogdilmabr.com/e-dilma-na-cabeca-e-na-camiseta-em-todo-o-brasil/>

[http://consciencia.blog.br/2014/05/60-perolas-de-paginas-de-direita-nofacebook-12.html](http://consciencia.blog.br/2014/05/60-perolas-de-paginas-de-direita-no-facebook-12.html)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma\\_Rousseff](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff).

